

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 4. Transformações da intimidade

**Responsável EOL:** Pablo Russo

**Colaboradoras:** Leticia Acevedo, Alejandra Antuña, Ivana Bristiel, Nilda Hermann, Ana Ruth Najles, Virginia Notenson, Sandra Petracci.

**Integrantes:** Laura Ambrosino, María Florencia Arellano, Ezequiel Argaña, Liliana Ávola, Héctor Caffarena, Roxana Cozza, Guillermo Donadio, Jacinta Duer, María Paula Fontana, Vanesa Friedenberg, Paula Iglesias Genta, Mariana Li Fraini, Graciela Lucci, Ana Meyer, Claudia Núñez, Juan Gerardo Ortega, Griselda Patriarca, Claudia Pollak, Bettina Quiroga, Adriana Tyrkiel

#### A dignidade – êxtima – do íntimo \*

#### A intimidade ameaçada?

O tempo passa, vamos nos pondo tecnos,  
o amor não o reflito como ontem.  
Em cada conversa, cada beijo, cada abraço,  
se impõe sempre um pedaço de temor.

Años, versão de Sumo \*\*

---

\* Nota de Autores: Apesar de fazermos alusão à prática, incitada pelo tema que nos ocupa, e haveremos conversado sobre detalhes da clínica (como, por exemplo, vários casos de jovens adolescentes que se cortavam, cobriam seus corpos com acessórios, bebiam e consumiam, faziam sexo indiscriminado e quase próximo à prostituição, mas tremiam e se ruborizavam trancadas em seus quartos, só de imaginar que o rapaz de que gostam lhes segure a mão), não incluímos vinhetas clínicas, tomando, em vez disso, o caminho –lacaniano– de empregar produções de arte ou culturais, por exemplo, à psicanálise.

\*\* Na versão original a música diz “o tempo passa / vamos nos pondo velhos”. A versão de Sumo mudou essa parte da letra para “o tempo passa / vamos nos pondo tecnos”

A intimidade é uma noção que se consolida ao longo do século XIX, no marco de uma cultura burguesa que faz da vida privada e do eu sua referência civilizatória [...] cada um é conhecedor e dono dos seus segredos, tese que começa a se desmontar com o descobrimento freudiano do inconsciente. Há segredos íntimos para nós mesmos e a ilusão de ser transparentes apenas se sustenta em certos momentos da infância [...].<sup>1</sup>

Freud e Lacan sempre se referiram ao “íntimo”, mas a intimidade não é um conceito da psicanálise. Nos extremos da nossa práxis participam desta dimensão “o sentimento íntimo da vida” e o “juízo íntimo”.<sup>2</sup>

Lacan, contudo, nos deixou uma noção mais precisa e complexa, que não só situa o privado, interior ou separado do Outro, mas permite estabelecer o tipo de relação –topológica– do sujeito com o objeto, o Outro, a Coisa e, enfim, a respeito de seu próprio gozo – sempre mais ou menos ignorado. Aceitamos então – com J.-A. Miller – sobrepor –em ocasiões substituir– a *intimidade*, de representação mais supostamente evidente, pela *extimidade*<sup>3</sup>, que não existe sem aquela e está intimamente ligada a ela. Assim o precisa em seu Curso:

O temo *extimidade* se constrói sobre *intimidade*. Não é seu contrário, porque o êxtimo é precisamente o íntimo. Inclusive o mais íntimo [...] entretanto [...] o mais íntimo está no exterior, é como um corpo estranho.<sup>4</sup>

Trata-se de outra intimidade, que apesar de nos parecer alheia nos é tão familiar, por constituir o núcleo do nosso ser. É o interior íntimo meo de Santo Agostinho ou esse ódio que imputamos ao outro – por sua estranheza ou diferença – e que, no entanto, nos constitui [...].<sup>5</sup>

Não havendo intimidade sem o outro/Outro, não esquecemos que, precocemente, Lacan diferencia a dimensão do semelhante de outra versão do outro que já não implica o registro imaginário, mas o real do gozo. Localiza-o no próximo do preceito de amor cristão e o acesso ao mesmo implica o transpasso do que chama *barreira*<sup>6</sup>, *muralha*<sup>7</sup> e, ainda, *atentado* – uso malévolo ou crueldade -.<sup>8</sup> Não há nada que me resulte “mais próximo que este próximo, que esse núcleo de mim mesmo que é o do gozo”.<sup>9</sup> Onde situar a intimidade com o outro, nesta topologia, sabendo que o acesso ao próximo o é ao próprio gozo? Encontrá-la-á, nesse limite mais além do *respeito* ao semelhante, mas mais aquém do *atentado* ao próximo? Nesse limite se encontra a beleza das imagens cujo valor só se

---

<sup>1</sup> Blog da ELP. Introducción al Dossier “El porvenir de la intimidad”, José R. Ubieto, Miquel Bassols y Enric Berenguer. 16-5-2014: <http://blog.elp.org.es>

<sup>2</sup> Lacan, J., expressões usadas para analisante e analista em: De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose e A direção do tratamento..., respectivamente. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>3</sup> Neologismo que aparece pela primeira vez em El seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis, Buenos Aires. 1997, p. 171. Voltará a aparecer em El seminario, libro 16. De un Otro al otro. Buenos Aires: Paidós. 2008, p. 205.

<sup>4</sup> Miller, J.-A., Extimidad. Buenos Aires: Paidós. 2010, p. 14.

<sup>5</sup> Blog da ELP, op. cit.

<sup>6</sup> Lacan, J., El seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis, op. cit., p. 262.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 277.

<sup>8</sup> *Ibidem*, pp. 226-228.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 225.

mede enquanto ao vazio, ao *buraco*, que velam<sup>10</sup> e que são o ponto de convergência do imaginário com o real.

Lacan despeja o objeto *a* como ponto êxtimo do campo do Outro, e, em sua vertente de gozo, o faz equivaler a um furo no saber. Furo e tampão, designa a ausência ao mesmo tempo em que a preenche. A partir disso, Lacan situará a inexistência do Outro, sua carência de consistência: “escorre sempre. Desfaz-se no mesmo movimento em que se expõe, [...] em que se descobre”.<sup>11</sup> Concebe assim ao objeto como complemento de gozo no campo do Outro enquanto deserto de gozo. Se o objeto *a* existe, o Outro não, não goza; definição de Lacan sobre a existência, a partir do gozo. E será a partir da inconsistência do Outro que deduzirá a consistência lógica do *a*.

Parece se tratar de um íntimo singular e, no entanto, nos interrogamos por sua transformação contemporânea. Tanto Freud como Lacan anteciparam efeitos sociais que ocorreriam como consequências do progresso técnico-científico, o individualismo de massas e a deflação da função paterna – entre outras mudanças/causas.<sup>12</sup>

Em nosso “Império das imagens”<sup>13</sup> já não há – salvo a partir da arte ou da psicanálise – imagens vergonhosas ou constrangedoras.<sup>14</sup>

Sabendo da importância desta dimensão *êxtima* da experiência da vida por parte do sujeito falante, moradia fundamental para a relação do sujeito com o gozo, tanto o íntimo quanto o êxtimo supõem um lugar – Outro – depositário desse gozo e que lhe garanta ao sujeito a possibilidade de um segredo que o envergonhe. Durante a modernidade foi a família que, muitas vezes, encarnava tal lugar. Constatamos em nossa época um retrocesso do íntimo/êxtimo? Miller – em seu Curso e com Lacan – argumenta que a *extimidade* indica (já) uma fratura da intimidade; ali onde se espera reconhecer o mais próprio se descobre outra coisa que (se/nos) agita e que se preferiria extirpar. Assistimos hoje não a uma fratura senão a uma tentativa de anulação da intimidade?

Sabemos, pelos historiadores das mentalidades (Ariès, Duby,...), que a intimidade é um sentimento da modernidade que nasce junto de outros como a família e a infância, daí que a própria arquitetura não introduza elementos como os corredores (distribuidores e garantias da intimidade) até a entrada da era moderna. A noção de *privacy* foi forjada ao longo do século XIX [...] no marco dessa cultura burguesa que enaltece o eu como novo sujeito da civilização [...] a socialização [...] na rua e à vista

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 237.

<sup>11</sup> Miller, J.-A., *Extimidad*, op. cit., p. 329.

<sup>12</sup> Freud, S., (1908) *La moral sexual «cultural» y la nerviosidad moderna*. Colocações que retomaria no *Mal-estar da civilização e O futuro de uma ilusão*, entre outros textos. *Obras Completas*. Volume IX e XXI. Buenos Aires: Amorrortu; e Lacan, J., (1936/8) *La familia (Los complejos familiares)*. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, ideias que reaparecerão em *De los nombres del padre* (Buenos Aires: Paidós. 2005), *El seminario*, libro 17. *El reverso del psicoanálisis* (Buenos Aires: Paidós); *Proposición del 9 de octubre...* e *Radiofonía (Otros escritos, op. cit.)*, ou *El triunfo de la religión* (Buenos Aires: Paidós. 2005), para citar apenas alguns aos que retornamos para este trabalho..

<sup>13</sup> Título do VII Enapol, realizado em setembro de 2015 em São Paulo, Brasil.

<sup>14</sup> Wajcman, G., *Las fronteras de lo íntimo*. *El Caldero de la Escuela -Nueva Serie- Nº 19*, Buenos Aires: EOL, pp. 10-22.

de todos, dá lugar a essa intimidade que, a partir de então, só poderá ser tratada publicamente através da ficção literária ou artística.<sup>15</sup>

Será como o Romanticismo, situa Gérard Wajcman, que:

[...] o íntimo toma sua cor e nos permite avançar sobre seu conteúdo, já que ali se delimita o estritamente pessoal e se mantém escondido o relativo à sexualidade, que logo Freud revelaria como o segredo reprimido do sujeito. Fica definido então o mais interno, o íntimo, como o que concerne ao gozo enquanto escondido.<sup>16</sup>

Mas:

[...] o neurótico sofre [...] pela inexistência do Outro [...]. O que qualifica o neurótico em sua queixa [...] é que esta extinção do Outro se significa para ele – em geral lhe foi significada na família –, quem a tratou como uma identificação.<sup>17</sup>

Mas, se estas identificações vacilam, a forma de fazer existir hoje ao Outro se torna cada vez mais perversa? O perverso – elucida Miller – busca “a restituição do *a* ao campo do Outro”<sup>18</sup>, na sua cruzada por fazê-lo existir, por devolver-lhe sua consistência, fazendo nascer em seu campo seu próprio olhar que o completa. A exposição da intimidade, característica da época, busca então restituir a um Outro cada vez mais inexistente?

E onde está o Outro? A resposta não é que não há mais Outro, resposta angelical que supõe que seríamos todos Iguais (*Mêmes*) sobre esta terra, que devemos construir um mundo de irmãos; do que se trata é de que o Outro está por todas as partes, difuso, e que tem o mesmo rosto que os iguais (*mêmes*).<sup>19</sup>

Se o Outro está pulverizado por doquier, vivemos numa época de *extimidade* disseminada e isso dificulta o laço, já que faz dos outros *inimigos êxtimos*.<sup>20</sup>

### **Inexistência do Outro, extimidade dissipada?**

[...] a nova identidade sem pessoa faz valer a ilusão, não de uma unidade senão de uma multiplicação infinita das máscaras. No ponto em que encrava o indivíduo numa identidade puramente biológica e associada, promete deixá-lo assumir na internet todas as máscaras e todas as segundas e terceiras vidas possíveis, nenhuma das quais poderá lhe pertencer jamais num sentido próprio.

G. Agamben, *Desnudez*, p. 76.

<sup>15</sup> Ubieto, J. R., *La intimidad a cielo abierto. Dossier El porvenir de la intimidad*. Blog-ELP, op. cit.

<sup>16</sup> Wajcman, G., *La casa, lo íntimo, el secreto*. AA.VV., *Las tres estéticas de Lacan (Psicoanálisis y arte)*, Buenos Aires: Del cifrado. 2006, p. 102.

<sup>17</sup> Miller, J.-A., *Extimidad*, op. cit., p. 333.

<sup>18</sup> *Ibidem*, pp. 330-332

<sup>19</sup> Wajcman, G., *El psicoanálisis y el derecho al secreto*. Enlaces Nº 17. Buenos Aires: Grama. 2011, p. 137.

<sup>20</sup> Miller, J. -A., *Enemigos éxtimos. El racismo en la sociedad contemporánea*. Página/12. Buenos Aires, 8-4- 2010: <https://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/9-143452-2010-04-08.html>

Fala-se sobre a intimidade por todas as partes e por variados meios. Ela é abordada a partir de diversos discursos, em especial pela filosofia e pela sociologia. Lendo-os a partir da psicanálise e alguns de seus aportes – ademais recentes –, podemos afirmar que assistimos hoje a uma –nova– transformação da intimidade? É, como argumenta Wajcman, uma questão de fronteiras? <sup>21</sup> Antes, nos interessa interrogar o estatuto atual de dita dimensão. A que chamaríamos intimidade e como leríamos tal transformação?

O mundo atual e seu espaço público não são, já, como no século XVIII e desde a leitura de Sennet<sup>22</sup>, um teatro e um cenário nos quais se representem e leiam ações e sentimentos, e nos quais a distância teatral resguardava a intimidade. Assistimos, pareceria mais, a um mercado no qual se expõem, vendem e consomem “intimidades”, passando da representação à exposição pornográfica. A *cultura da intimidade* vai unida à queda daquele mundo público, objetivo. A rede supõe um espaço próximo do qual se eliminou toda longitude, destruída a distância necessária para o laço social; forma de expressão da *sociedade da transparência*, enquanto revelação e desnudamento. Sem caráter narrativo, o social esvazia suas formas de aparência, inclusive contra toda forma de máscara. A esfera pública se converte num lugar de exposição da pessoa no qual se derramam privacidades, intimidades. Fim da cultura *pública* e tiranias da *intimidade*. Para Giddens<sup>23</sup>, mais otimista, a intimidade seria homologável à democracia da esfera pública. A “democratização da vida pessoal” não ficaria restringida às relações amorosas, mas se estenderia aos laços familiares e de amizade.

Alain Badiou desenvolve a ideia de que o século XX realiza o pensado pelo século XIX, sendo o real daquilo cujo imaginário foi o século anterior. A “paixão do real” que o caracteriza, está acompanhada por uma proliferação do semblante cujo exemplo é a ideologia. Deste modo, propõe a fraternidade como o máximo desejo do século XX.<sup>24</sup> Para Lacan, a fraternidade “se baseia na segregação, é estar separados juntos, separados do resto”.<sup>25</sup> A segregação é o rechaço do próprio gozo ignorado – ideia já antecipada em ‘A ética...’ –: “A consequência do mandamento do amor ao próximo é a presença dessa maldade fundamental que habita nesse próximo. Portanto habita também em mim mesmo”<sup>26</sup> o avanço das biotecnologias e sua massiva produção de gadgets promovem uma exposição da intimidade, que não é só pelo olhar onipresente do Outro, senão também pela cessão voluntária por parte dos sujeitos de sua intimidade. Há, diz Wajcman, “uma nova raça mutante de *Transparentes* que chama o olhar sobre eles, cujo exercício da liberdade consiste justamente em obter o olhar sobre si e se dar a ver. O olhar exterior parece hoje um órgão do seu próprio corpo, o convocam como um complemento vital”<sup>27</sup>. O novo Mestre já não é aquele que queria interferir em nossos assuntos e frente ao qual resistíamos, é um voyeur passivo e difuso

---

<sup>21</sup> Wajcman, G., *Las fronteras de lo íntimo*, op. cit.

<sup>22</sup> Sennet, R., *El declive del hombre público*. Barcelona: Península. 1978

<sup>23</sup> Giddens, A., *Transformación de la intimidad. Sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas*. España: Cátedra. 1995.

<sup>24</sup> Badiou, A., *El siglo*. Buenos Aires: Manantial. 2005.

<sup>25</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 17. El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 2002, p. 121.

<sup>26</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 7. La ética del psicoanálisis*, op. cit., p. 225.

<sup>27</sup> Wajcman, G., *El psicoanálisis y el derecho al secreto*, op. cit., p. 129.

do exibicionismo ativo das massas; o que Wajcman explica: “A pulsão de ver anula as *fronteiras* e o desejo de se fazer ver é sem limite. Passamos de *Big Brother* a *Little brothers*”<sup>28</sup>. O empuxo ao tudo da época – ver tudo, dizer tudo – gera:

[...] um efeito de *coming out* universal. O gozo é exibido por toda parte [...] há um chamado ao *outing*. Isso se apresenta em duas vertentes: trata-se por um lado de arrancá-lo e por outro de exibi-lo. O mundo inteiro é, de agora em diante, lugar de *gozo arrogante*.<sup>29</sup>

As imagens atuais, ainda que *imperem*, tornam-se um obstáculo para o acesso à intimidade: por um lado se proliferam através dos *gadgets* e se tornam banais, por outro, tornam-se demasiado reais através da exibição de caráter pornográfico. O acesso ao outro se clausura assim como intimidade, ficando o sujeito abstraído na solidão autoerótica. Éric Laurent<sup>30</sup> retoma a pergunta de Merleau Ponty em *O visível e o invisível*, sobre como pôr carne ao que, mais além da imagem, é invisível, como fazer visível um movimento da alma ou as formas da subjetividade, para articulá-la com o que Lacan chama imagem-sintoma. Servindo-se da arte, tenta dar conta de três formas distintas de manipular a imagem do corpo a partir de dois pintores, Rembrandt com seus auto-retratos e o impossível de ver, e Mark Rotko com o corpo e sua abstração, e do arquiteto Frank Gehry, com a forma do objeto. Situa como em suas obras se verifica a relação particular de cada um entre a imagem de seu corpo e o que encarna em cada um deles o sintoma. A série *Transparent*<sup>31</sup> aborda a virada ao trans de uma prática privada de travestismo de Mort – conhecida até o momento por sua ex-esposa, Shelly -, e como isso afeta aos membros e laços de uma acomodada família judia de Los Angeles. Professor universitário de ciências políticas, recentemente aposentado, que passou mais de seis décadas vivendo como Mort, decide se apresentar como Maura a seus três filhos, Sarah, Josh e Ali – já adultos – e à sociedade.

Além de enfrentar os tratamentos com hormônios, as conversações no centro LGBT, o encontro de novas amizades e a definição de uma nova vida como mulher trans, Maura tenta romper com a norma que governava sua vida até o momento: o segredo.<sup>32</sup>

Na família Pfefferman encontramos a pertinência tanto da declinação da imago paterna, antecipada por Lacan em 1938, como a de sua resposta em “Nota sobre el padre” de 1968: “acredito que hoje em dia, o rastro, a cicatriz da evaporação do pai, é o que poderíamos colocar sob a rubrica e o título geral da segregação”<sup>33</sup>.

Na série, normativiza-se: noite de boliche para as lésbicas, tardes num *trans-bar*, fim de semana para os travestis onde os que tomam hormônios são marginalizados – “somos travestis, mas somos sempre homens” -. Maura e suas duas filhas vão a um festival feminista, ao qual, como descobrirão

---

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 139.

<sup>30</sup> Laurent, E., *El reverso de la biopolítica*. Buenos Aires: Grama. 2016, pp. 203-214.

<sup>31</sup> Jill Soloway, USA, 2014.

<sup>32</sup> Vázquez Prieto, P., *Ser y parecer*. Página/12. Suplemento Radar [en línea]: <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-11177-2016-01-03.html>

<sup>33</sup> Lacan, J., *Nota sobre el padre*. Lacaniana N° 20. Buenos Aires: EOL-Grama. Junio de 2016, p. 9.

uma vez ali, só podem ir “mulheres nascidas mulheres”, com o choque ideológico entre as defensoras tenazes do feminismo radical e as das teorias *queer*. As promotoras do festival acusam Maura de ter gozado de privilégios masculinos durante toda sua vida e defendem o acampamento como zona segura.

Um *empuxo à Mulher* (...) mostra-se na existência cotidiana desta família, criaturas de nossa época presas e confundidas em gozos que não condescendem ao *amor*, ainda que sim ao *humor*. A família Pfefferman está por inteiro na corrente Trans<sup>34</sup>. A amarração com o gozo fálico é débil, apenas alguns rituais da tradição judia os reúne em festejos que se debandam em escândalos ou nos que se “transparentam” segredos de família: a Ali, seu pai lhe permitiu anular seu *bath-mitzvah* para poder participar de um fim de semana com homens que se travestem; Josh descobre, no funeral do marido de sua mãe, que é pai de um menino de dezessete anos, fruto de sua relação com Rita, babá da família... Em *Transparent*, ou em “os *trans*”, ademais da passagem ao real transexual<sup>35</sup>, há também no social, e a solução que se oferece, à qual se empurra, é a que surge da convivência entre o mercado global e a ciência, uma que afeta absolutamente o real dos corpos, é crua e sem poesia<sup>36</sup>.

Retomando o argumento de Laurent, encontramos que Baudrillard destaca, na época onde se perdeu o segredo e a cena, onde o simulacro cedeu à simulação, um empuxo à transparência<sup>37</sup>, função generalizada do pan-óptico<sup>38</sup> no corpo social – já anunciada por Foucault<sup>39</sup>-, que aspira à pura positividade – nenhuma opacidade -, onde cada um está só constantemente visível, ainda que não haja ninguém olhando; sem a negatividade do outro, do estranho situado na escuridão, o segredo, o mistério, quer dizer, sem alteridade. Situa assim o fim da cena e do segredo, restando o obsceno, que é o mais visível do visível. Se a cena apaixona, o obsceno fascina. Transparência e seu correlato na obscenidade, uma visibilidade exacerbada; de uma hipervisibilidade que leva a uma dimensão não ligada ao proibido e a transgressão, senão à desaparecimento da cena pelo estalo do visível.

Proximidade absoluta da coisa vista, naufrágio do olhar na tela da visão. Ali não se trata de um olhar, mas da contiguidade epidérmica do olho e da imagem (sem a distância do olhar na relação espectador-cena). Ao mesmo tempo, essa contiguidade põe em jogo uma distância em relação a essa imagem que se define como infranqueável pelo corpo. Não se trata, então, do imaginário do espelho onde opera o desdobramento, a alteridade, senão do imaginário da tela, onde o que opera é o redobramento, a contiguidade e a rede, ficando o sujeito confrontado, portanto, não ao inferno dos outros, mas ao inferno do Mesmo. [Define Jean Baudrillard].<sup>40</sup>

---

<sup>34</sup> Torres, M., “Lo irreductible entre amor, deseo y goce”, Conferência no marco do “Seminario Institucional de ACEP” e “Primera Jornada sobre identidades y/o expresiones de género en el ámbito de la salud”. Mendoza, outubro de 2016. (Inédita).

<sup>35</sup> Lacan, J., *La pequeña diferencia*. El seminario, libro 19. ... o peor. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 17.

<sup>36</sup> Hermann, N., *Transfamily*. Enlaces Nº 23. Buenos Aires: Grama. 2017

<sup>37</sup> Baudrillard, J., *La transparencia del mal*. Barcelona: Anagrama. 1991. E *Las estrategias fatales*. Buenos Aires: Anagrama. 2000.

<sup>38</sup> Miller, J.-A., *La máquina panóptica de Jeremy Bentham*. Matemáticas 1. Buenos Aires: Manantial. 1987.

<sup>39</sup> Foucault, M., *Vigilar y castigar*. Capítulo 7. México: Siglo veintiuno. 1976, pp. 126-140.

<sup>40</sup> Baudrillard, J., *El hombre telemático*. *La transparencia del mal*, op. cit.

Perguntamo-nos, então, pelo destino da moral disciplinaria que representava o ideal do pan-óptico. Laurent pontua que “O poder do discurso tecnocientífico e dos objetos que produz, aponta a um reajuste dos gozos mediante a escopia dos corpos”<sup>41</sup>, destacando:

[...] dois aspectos do fenômeno contemporâneo. Por um lado, o corpo se faz máquina plural, divisível em unidades cada vez mais numerosas e complexas. Por outra parte, torna-se imagem unificada e difrata assim sua falsa unidade nas telas mais diversas<sup>42</sup>.

Esta “regulação” – se assim se pode chamar – da época do Outro pulverizado, e que se inicia – segundo Giddens – nos espaços de autoajuda que promovem a confissão do íntimo no espaço público, a partir da promoção do corpo como imagem, esvaziando-o de seu gozo: Encontrá-la-íamos hoje nas comunidades de gozo, que oferecem uma falsa identidade e que nos confrontam com a ausência de resposta subjetiva – também no espaço antes chamado familiar – frente ao gozo?

### **O íntimo como resguardo do êxtimo. Ficções familiares?**

A vida moderna é uma infame mescla de voyeurismo e exibicionismo. As pessoas perpetuamente divulgam seu ser interior e exterior. Meu diário é privado. Seu propósito não era ser publicado.  
Detetive Stella Gibson, série *The Fall*

O íntimo é – segundo Wajcman -:

[...] o espaço onde o sujeito pode permanecer e se sentir fora do olhar do Outro. Um espaço de exclusão interna [...] onde o sujeito escapa da suposição de ser olhado. É a possibilidade de esconder-se.<sup>43</sup>

O que o sujeito esconde de outros, mas, sobretudo de si mesmo, pois disso não quer sabe nada, é seu gozo, vacúolo que coloca como objeto êxtimo no campo do Outro.

Além de definir a família como versões singulares de um mal-entendido sobre um segredo de gozo, Miller agrega que:

Lacan faz um aporte fundamental quando vincula o tema da família com a língua para explicar de maneira racional o segredo da família. O ponto de partida é que a língua que cada um fala é coisa de família, e que a família no inconsciente é, primordialmente, o lugar onde se aprende a língua materna. Por isso o lugar da família fica unido à língua que se fala, quer dizer que falar, falar em uma língua, já é testemunhar o vínculo com a família.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> Laurent, E., El reverso de la biopolítica, op. cit., p. 13.

<sup>42</sup> *Ibidem*.

<sup>43</sup> Wajcman, G., Íntimo expuesto, íntimo expropiado. Enlaces N° 20. Buenos Aires: Grama. 2014, p. 40.

<sup>44</sup> Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. Mediodicho N° 32: Maldita familia. Córdoba. 2007, pp. 17-18.

O íntimo – para Wajcman – tem uma estrutura singular e uma história. “Um espaço de exclusão interna, uma ilha, o que chamamos em ocasiões sua casa (*chez soi*)”.<sup>45</sup> Que seja possível se sentir como em casa na casa do Outro, reclama que aperfeiçoemos um pouco a noção de íntimo.

Para nos mantermos no íntimo é necessário fazer surgir aqui sua aposta trágica e crucial, onde repousa sua aposta atual, porque a possibilidade de se esconder não deve ser pensada como um lucro ou uma conquista, em termos de mais ou de menos: é uma condição absoluta do sujeito. Diria que há sujeito apenas se pode não ser visto. [...] Então, nos tempos modernos, o íntimo, o território secreto da sombra ou do opaco, é o lugar do sujeito.

O filme *Perfeito desconhecidos*<sup>46</sup> apresenta uma reunião entre velhos amigos com seus cônjuges, uma cena “atual”: os *gadgets* também estão convidados. A anfitriã propõe um jogo: Tudo o que acontecer nos celulares será compartilhado com os demais. Não sem algumas reticências, aceitam, e os segredos se apoderam rapidamente da cena. Infidelidades, flertes virtuais, convivências insuportáveis, conflitos “familiares”, com a maternidade, com o casal, com a escolha do *partenaire* e até com o próprio corpo. Cada alerta que irrompe dos aparelhos revela um pequeno segredo do outro, diante do qual todos se escandalizam, e à medida que avança a noite o ambiente se torna cada vez mais desconfiado. Os laços de amor e de amizade que os uniam vão se desfazendo até que se cortam. Este é o final no qual o empuxo ao gozo comanda.

Mas há um segundo final, o que teria acontecido se não jogassem. Neste, a reunião termina entre risadas e com a promessa de um próximo encontro, enquanto cada um vai embora com seu gozo escondido. É esse final que nos dá uma orientação: diante da inexistência do Outro, a aposta deve ser pelo laço. Para isso a análise deve trabalhar como o lugar íntimo, oculto, de um encontro com o próprio gozo via transferência<sup>47</sup>.

Retomaremos essa possível aposta no último bloco.

Hoje o íntimo (lar, o familiar, história, segredo, opacidade, sujeito – do inconsciente -) está ameaçado. Somos cada vez mais vistos e vemos cada vez menos o que nos olha. O íntimo é o que pode fazer limite ao desejo sem limite do Outro. Mas a ameaça não provém somente do Outro, mas também dos vizinhos, dos outros, dos que não gozam como eu. Essa ameaça é o que explica o gosto pela casa individual. [...] Diante do apagamento atual das singularidades, pode-se observar casas que são construídas como uma reivindicação de gozos singulares. [...] A casa individual poderia ser o lugar da intolerância ao gozo do Outro, o lugar onde fica demonstrado que [...] só se ama o próprio gozo e que não se ama mais que isso. Lugar íntimo fechado à intimidade do Outro, ao Estado, aos outros e lugar onde trancar-se sobre si mesmo.<sup>48</sup>

Podemos inclusive ser perfeitos estranhos em nossa própria casa.

---

<sup>45</sup> Wajcman, G., *Las fronteras de lo íntimo*, op. cit.

<sup>46</sup> *Perfetto sconosciuti*, filme de Paolo Genovese. Itália. 2016. Saiu um comentário de Inés Sotelo, *Perfectos extraños*. Lacaniana Nº 22. Buenos Aires: Grama. 2017, pp. 183-185.

<sup>47</sup> Bristiel, I., *Te doy mi intimidad*. Enlaces Nº 23. Buenos Aires: Grama. 2017. Apresentado na V Noite preparatória para o VIII ENAPOL: “De la ficción del padre al inconsciente real”

<sup>48</sup> Wajcman, G., *La casa, lo íntimo, el secreto*, op. cit.

## Singularidade e segredo. Vigência da êxtimidade

Se todos sim, eu não. Se todos estão ali sem exceção, eu ao menos farei a exceção. A família dá filiação aos rostos. A sociedade sujeita aos sujeitos. O volume da “coisa de todos” (*res pública*) foi acrescentado com a publicação e normalização de todas as coisas “privadas” (*res privata*) [...]. É a vigilância de todos no interior de cada um. [...] Não se converta no mesmo que você mesmo. [...] converta-se, ao contrário, no si mesmo [...] o objeto sagrado íntimo, a parte incomunicável...

Pascal Quignard, *A barca silenciosa*, pp. 51 – 52.

Miquel Bassols toma, para ler os fenômenos ou problemas da intimidade-extimidade em nossa civilização, *A sociedade da transparência*, de Byung-Chul Han, pois lhe permite argumentar o empuxo –que se situa neste caso como– à transparência do sujeito e à opacidade do Outro.

Han apresenta uma revisão da sociedade do século XXI a partir de uma perspectiva filosófica, e tem como eixo central o ideal de transparência (enquanto significante mestre da época) que está impregnando todos os acontecimentos do sistema social, não se limitando à política ou à economia, que não só se utiliza para denunciar a corrupção ou a liberdade de expressão, mas que atualmente a sociedade exige, com caráter imperativo, transparência em todos os âmbitos: a sociedade positiva, a da exposição, a da evidência, a sociedade pornô, a da aceleração, a sociedade íntima, a da informação, a da revelação, e a sociedade do controle.

Bassols, a partir de Han, sustenta que a experiência analítica mostra que não há, entretanto, imperativo do supereu sem o retorno paradoxal daquilo que tenta liquidar.<sup>49</sup> O imperativo da transparência alimenta, assim, a opacidade que o gozo faz presente na intimidade de cada ser que fala, tomado em sua singularidade irreduzível. Até o ponto de fazer desse retorno um novo imperativo, não menos paradoxal: Gozar da transparência mesmo sem saber nada da opacidade que a habita! Em cada um dos registros assinalados: no ideal de uma linguagem sem equívocos, o retorno da opacidade do gozo no sem-sentido da acumulação de informação; na exposição sem segredos ao olhar que aniquila qualquer alteridade, a necessidade de um *desalondrar* para alojar a *diferença* ou *proximidade*; os signos que demandam uma interpretação da evidência dos procedimentos de avaliação que eclipsam o objeto de gozo impossível de representar; na pornografia sem véu, a redução da erótica à obscenidade da carne, “apagando da imagem do corpo aquele *punctum* no qual Barthes situava o tempo necessário da contemplação e do desejo”; na aceleração do tempo que reduz todo relato a um processo de informação sem tempo para compreender; frente à tirania da intimidade transparente, “situar a intimidade do gozo como o máximo grau de opacidade do sujeito, ali onde é mais Outro para si mesmo”; no controle, “onde o panóptico único de Bentham se transformou numa rede de habitantes que se controlam

---

<sup>49</sup> Bassols, *Sociedad de la transparencia, opacidad de la intimidad*. Contribuciones al debate para el Forum de Torino de la Scuola Lacaniana de Psicoanálisis 16/8/2014, em: <http://miquelbassols.blogspot.com.ar/2014/08/sociedad-de-la-transparencia-opacidad.html>

reciprocamente”, a “suposta transparência converte aqui ao sujeito num objeto de intercambio sob a sombra opaca do gozo do Outro, disseminado agora numa onipresença virtual”.

Em cada um desses registros, a experiência analítica do real poderá nos ser útil para recolocar a singularidade do ser que fala nos paradoxos da transparência e da opacidade do gozo.

Mas os paradoxos não se detêm aí, já que entendemos a oposição de Bassols como o que preferiríamos talvez desde a psicanálise (o vazio no Outro, o opaco irreduzível no sintoma), mas a exibição de intimidades e o anonimato insensato do mercado fazem tudo transparente ou dissipam ao Outro, empurrando o sujeito a um imperativo de exposição que deve rejeitar sua extimidade.

Wajcman distribui então, de diversos modos, as *fronteiras do íntimo*, pois se o íntimo não faz mais que delimitar o lugar mais subjetivo do sujeito, é sua condição mesma. Não poderia haver sujeito sem segredo, inteiramente transparente. “Todo sonho de transparência leva à dissolução de toda opacidade, a do sujeito mesmo. A democracia está animada por um ideal de transparência, mas ela concerne, em princípio, ao poder e não aos sujeitos. Não somente opõe a opacidade do sujeito e a transparência do Outro, do Estado, mas supostamente defende essa opacidade contra toda intrusão, o que também é defender sua liberdade. É aí onde está o problema hoje. É que, nos fatos, nossa democracia parece animada por uma vontade perfeitamente oposta: de um lado, o Outro tende a se eclipsar sempre mais, e, de outro, os sujeitos se tornaram cada vez mais transparentes”<sup>50</sup>. Assim:

[...] uma aparente estranheza é que a psicanálise, que aponta à elucidação, se alinha ao lado do obscuro, do lado obscuro da debilidade dos sujeitos frente ao poder. A psicanálise, que tende a fazer falar, se sustenta do lado do segredo. Isso se deduz facilmente do que o precede, a saber, que tudo que ameaça o direito ao segredo não ameaça somente a intimidade e a liberdade, senão ao sujeito em sua existência mesma. Sem direito ao segredo, sem esconderijos, não há sujeito que pense, então não há sujeito que seja.<sup>51</sup>

O íntimo ameaçado é, poderíamos dizer, o inconsciente freudiano. A multiplicação clínica das psicoses ordinárias demonstra, talvez, que o que está desaparecendo seja a dimensão mesma do dito inconsciente que definia a extimidade. E o que a época coloca em imagens, pode-se pensar como um deslocamento ao inconsciente real? Estes movimentos põem em xeque –senão em perigo– a psicanálise mesma e seu futuro.

A liberação do íntimo (êxtimo) pode se dar em duas direções: uma invasão do íntimo por parte do Outro intrusivo ou uma renúncia ao íntimo por parte dos sujeitos. O sujeito não renuncia ao direito ao segredo, o cede num ato livre. Publica-se sem vergonha. Há uma dissolução do sentimento de vergonha.

O direito ao segredo não está garantido pela lei, isso aponta à escolha de cada um [...] é um combate pelo íntimo singular. O direito ao segredo é o que assegura a desconexão entre o singular e o

---

<sup>50</sup> Wajcman, G., *Íntimo expuesto, íntimo expropiado*, op. cit.

<sup>51</sup> *Ibidem*.

coletivo. O íntimo se define então como esse lugar onde o sujeito pode estar e se sentir fora do alcance do poder do Outro, subtrair o olhar do Outro, anônimo e *omnivoyant*, que satura o espaço.

Ainda é assim?

Para o homem, mais além do visível, há algo que o olha. À suposição original de um olhar, há que se opor outra suposição: a de que há um lugar onde o homem pode não ser visto. Então, construir é criar opacidade. A arquitetura não humaniza um espaço, mas instaura a humanidade, dando ao homem a possibilidade da sombra e do segredo.<sup>52</sup>

Dirigir-se a um psicanalista é para o sujeito uma opção que – como poucas e cada vez menos – dá lugar a preservar a intimidade?

### **A psicanálise como resguardo do êxtimo**

Não é pela negativa, não é pelo furo que vamos a chegar à *extimidade* senão pelo que o cobre, pelo que o vela, o objeto *a*.

Najles, A.R., *Delicias de la intimidad*, p. 48

Não se trata de confirmar as advertidas hipóteses iniciais, senão das bases para pensar uma aposta e uma resposta da psicanálise a respeito das ameaças sobre a intimidade e, portanto, sobre o resguardo da dimensão êxtima.

Acreditamos que precisamente algo nessa dimensão resiste. Algo do impossível de resolver da relação entre os sexos, do impossível de ver e dizer, do corpo e seus sintomas, do íntimo dos pensamentos, inclusive algo no inconsciente e sua criação de fantasias, permite pensar uma dimensão íntima e que permanecerá sempre irreduzível, opaca, indecifrável, ainda nesta “antiextimidade” da nossa civilização pretendidamente visual, visível, transparente. De qualquer forma, os efeitos do novo mal-estar estão chegando às nossas consultas, especialmente entre os jovens. E a psicanálise pode ter um papel, propor outro “final” para esse filme.

O futuro da intimidade vai, hoje, de mãos dadas com as tecnologias digitais, que sustentam a ilusão de que se poderia extrair a verdade do sujeito, inclusive aquilo mais opaco. A previsão de *Minority Report* a cada dia resulta menos ficção, e já se especula com tecnologias capazes de ler nossos pensamentos (!) ou sistemas de rastreamento que não deixariam oculto nem um segundo de nossas vidas, como acontece com os objetos que incorporam um GPS.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Wajcman, G, *La casa, lo íntimo, el secreto*, op. cit. Sobre el tema del secreto: Derrida, J. y Ferraris, M., *El gusto del secreto*. Buenos Aires: Amorrortu. 2009.

<sup>53</sup> Ubieto, J. R., *La intimidad a cielo abierto*. Dossier El porvenir de la intimidad, op. cit.

No individualismo exacerbado e com as exigências narcisistas da hipermodernidade, o eu deve se expor pra valer. Uma das vias principais para isso é o uso da tecnologia. Como se reflete claramente em produções como *The Truman Show* ou *Black Mirror* “... se oferece algo ao olhar do outro, dão a ver aquilo que até pouco tempo parecia reservado ao âmbito do privado, da intimidade. Mostram que não apenas nós olhamos através da câmera, senão que é a câmera que nos olha e nós acedemos a nos emprestar como objeto desse olhar, compartilhado logo por milhões de olhos na rede”<sup>54</sup>.

O íntimo e privado se veem pulverizados sob o imperativo de ver tudo, sem se esconder e sem vergonha.

Somos olhados desde antes de nascer (ecografias) e cada passo posterior é objeto de vigilância, saibamos ou não: escâneres corporais, câmeras de vigilância, redes sociais. O ideal de transparência se converte assim numa lei de ferro, e justifica o poder de *Big Data* e a difusão de *gadgets* como os *Google Glass* e outros artigos de realidade virtual.<sup>55</sup>

Em meados dos anos 70, Lacan havia antecipado o progresso do capitalismo, com a ciência e o mercado, em direção a sua oferta do trabalho técnico – no zênite social – ao plus de gozar, provocando a feroz ilusão de que o gozo ou a satisfação da pulsão poderiam ser alcançados. Diante da deriva do gozo e nela, a predominância da exibição e especialmente dos corpos ou de seus fragmentos ou ainda das imagens de ditos recortes, ainda hoje nos retumba sua advertência: “veja-os gozar!”. Não só pela satisfação que poderíamos obter de nosso modo de localizar o olhar, mas porque a proliferou na lógica de sua recomendação para a psicanálise de introduzir algo da vergonha em vias de extinção, nos indicando a tentar voltar a envergonhar o sujeito (isto é, enfrentá-lo a responsabilizar-se eticamente por seu gozo, não só como limite senão como proposta de voltar ao inconsciente), e nos envergonhando se assim não o sustentássemos.<sup>56</sup> Olhar, ser olhado e dar a ver são declinações da pulsão escópica, onde ver e se visto se confundem no voyeur universal, e o olhar é outro objeto mercadoria do consumo capitalista.

A intimidade exposta, a céu aberto, revela-se assim como uma ilusão de ótica, uma tela ou uma voz que vela a impossível harmonia dos sexos. Como lhe ocorre ao protagonista de *Her*, imerso na nostalgia pela relação perdida, que intima com seu sistema operativo e finalmente descobre que uma voz – inclusive a sensual de Scarlet – não é uma mulher.<sup>57</sup>

Para a resposta da psicanálise, então, Bassols nos deixa alguma pista:

A verdadeira intimidade habita nas palavras que delineiam nossas vidas, em seu sentido escondido que não chegamos ainda a decifrar, e que espera nossa leitura. Tomem uma palavra que tenha marcado suas vidas, que os tenha atravessado de forma irreversível, escutem e persigam as infinitas

---

<sup>54</sup> *Ibidem.*

<sup>55</sup> *Ibidem.*

<sup>56</sup> Russo, P., párrafo tomado de presentación “Un poco de vergüenza”. VII Jornadas Departamento Enlaces “Satisfacciones contemporáneas”. Novembro de 2014. (Inédito).

<sup>57</sup> Ubieto, J. R., op. cit

ressonâncias que a envolvem até tentar chegar a seu osso, a seu sem-sentido mais radical. Escutarão então o que esconde sua ciumenta intimidade, com sua escura transparência.

Resistamos às identificações que nos são oferecidas. Reinventemos a intimidade, mas não a intimidade burguesa, mas a de um sujeito só em sua responsabilidade, capaz, por isso mesmo, de se interessar em comum por outros tão sós como ele, e cuja vida não gire ao redor de um slogan, uma consigna. Isto, hoje, passa por formas de ativismo [...] até que a «política» se dê por interada.<sup>58</sup>

Nas coordenadas traçadas, e sem omitir alojar o que faça as vezes do *irredutível de uma transmissão*, preservar, sustentar e oferecer um resto de opacidade, tanto ao Outro social como ao objeto do gozo singular, uma possibilidade digna para o íntimo e, portanto, uma preservação da dimensão êxtima.

## **Bibliografia**<sup>59</sup>

Agamben, G., *Desnudez*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. 2011 / *Profanaciones*. Buenos Aires:

Adriana Hidalgo. 2005 / *El hombre sin contenido*. Barcelona: Áltera. 2005 / *Infancia e historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. 2001 / *Homo sacer. El poder soberano y la nuda vida*. Valencia: Pre-Textos. 1998.

Alemán, J., *Horizontes contemporáneos de la subjetividad*. Buenos Aires: Grama. 2016.

Badiou, A., *El siglo*. Buenos Aires: Manantial. 2005; entre outros.

Bassols, M., “Los hijos de la tecnociencia y sus síntomas”. Conferencia, III Encuentro de la Diagonal Americana de la Nueva Red Cereda, 3-9-2015. São Paulo. Brasil “Sociedad de la transparencia, opacidad de la intimidad”. Contribuciones al debate para el Forum de Torino de la Scuola Lacaniana de Psicoanálisis 16/8/2014, em:

<http://miquelbassols.blogspot.com.ar/2014/08/sociedad-de-la-transparencia-opacidad.html>.

Poli-edipos. *Enlaces* N° 10. Buenos Aires: Grama. 2005; entre outros.

---

<sup>58</sup> Bassols, M., Celosa intimidad, oscura transparencia. Dossier El porvenir de la intimidad, op. cit.

<sup>59</sup> Além de um relevamento bibliográfico, se consignam muitas referências que foram trabalhadas, pontuadas, conversadas, pelo grupo que se formou para este trabalho, iniciado por Ana Ruth Najles, mas dado o número de integrantes, a limitação do espaço e a pretensão de unidade, alguns dos ditos desenvolvimentos não puderam entrar no trabalho final; no qual se incluiu especialmente a apresentação de Ivana Bristiel, Dou-te minha intimidade, realizada na V Noite Preparatória “De la ficción del padre al inconsciente real”, e que será lida individualmente neste VIII ENAPOL.

- Bassols, M., Berenguer, E., y Ubieto, J. R., Dossier *El porvenir de la intimidad*. Blog da ELP. Barcelona 16-5-2014: <http://blog.elp.org.es>
- Baudrillard, J., *La transparencia del mal*. Barcelona: Anagrama. 1991; *Las estrategias fatales*. Barcelona: Anagrama. 2000.
- Bauman, Z., *Daños colaterales*. Madrid: Fondo de Cultura Económica. 2011; *Vidas desperdiciadas*. Barcelona: Paidós. 2005; entre outros.
- Bauman, Z., y Dessel, G., *El retorno del péndulo*. España: Fondo de Cultura Económica. 2014.
- Bentham, J., (1791) *El panóptico*. Barcelona: La piqueta. 1980.
- Blancard, M.-H., Extimidad. *Scilicet. El orden simbólico en el siglo XXI*. Buenos Aires: Grama. 2011, pp. 134-136.
- Bristiel, I., Te doy mi extimidad. *Enlaces* N° 23. Buenos Aires: Grama. 2017. Apresentado na V Noitee preparatória para o VIII ENAPOL “De la ficción del padre al inconsciente real”. EOL. Julho de 2017.
- Brousse, M. H., Entrevista a Gérard Wajcman. Revista *Consecuencias*. 1-6-2011.
- Carrabino, R, Extimidad. Los Nombres del Padre. *Lacanianana* N° especial 5/6. EOL. 2007.
- Cottet, S., El padre pulverizado. *Uniones del mismo sexo. Diferencia, invención y sexuación*. Buenos Aires: Grama. 2010. También em *Virtualia*. Revista digital da EOL # 15. <http://virtualia.eol.org.ar/015/default.asp?dossier/cottet.html>
- Deffieux, J.-P., ¿La familia es necesariamente edípica? *Enlaces* N° 19. Buenos Aires: Grama. 2013.
- Dessel, G., Meditaciones de un psicoanalista sobre la vida amorosa en Mutandia. *Transformaciones. Ley, diversidad, sexuación*. Buenos Aires: Grama. 2013.
- Fajnwaks, F., Entrevista a G. Wajcman a propósito de *El ojo absoluto*. *Virtualia* # 20.
- Foucault, M., *Vigilar y castigar*. España: Biblioteca Nueva. 2012 / *El nacimiento de la biopolítica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2007 / El ojo del poder. Entrevista con Michel Foucault, en Bentham, J., *El Panóptico*. Barcelona: La Piqueta. 1980; entre outros.
- Freud, S., El malestar en la cultura / El porvenir de una ilusión (entre otros). *Obras completas*. Tomo XXI. Buenos Aires: Amorrortu.

- Groys, B., *Volverse público*. Buenos Aires: Caja Negra. 2014.
- Guiddens, A., *Transformaciones de la intimidad. Sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas*. España: Cátedra. 1995/8.
- Jullien, F., *Lo íntimo. Lejos del ruidoso amor*. Buenos Aires: El cuenco de plata. 2016.
- Kristeva, J., *La revuelta íntima*. Buenos Aires: Eudeba. 2001.
- Lacan, J., *El seminario. Libros 7, 10, 11, 16, 17 y 19*. Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J., El estadio del espejo..., / Función y campo de la palabra y el lenguaje / Introducción (...) a las funciones del psicoanálisis en criminología / Posición del inconsciente (entre otros). *Escritos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno.
- Lacan, J., Los complejos familiares... / Alocución sobre las psicosis del niño / Radiofonía (entre otros). *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012. Y La tercera. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, y *Lacanianana* N° 18. Buenos Aires: EOL-Grama. Junio 2015, pp. 9-32.
- Lacan, J., *El triunfo de la religión*. Buenos Aires: Paidós. 2005.
- Laurent, E., *El reverso de la biopolítica*. Buenos Aires: Grama. 2016 / Siglo XXI: no relación globalizada e igualdad de términos. *El psicoanálisis y la elección de las mujeres*. Buenos Aires: Tres Haches. 2016 / *El goce sin rostro*. Buenos Aires: Tres Haches. 2010 / *Patologías de la identificación en los lazos familiares y sociales*. Buenos Aires: EOL-Grama. 2007; entre otros.
- Laurent, E. y AA.VV., *Coloquio de la extimidad*. COL. Buenos Aires: EOL-Grama. 2011.
- Lipovetsky, G., *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama. 1986.
- Maluenda, E., Ama a tu móvil como a ti mismo. *Enlaces* N° 21. Buenos Aires: Grama. Septiembre de 2015, pp. 62-63.
- Merleau Ponty, M., (1964) *Lo visible y lo invisible*. Buenos Aires: Nueva Visión. 2010.
- Miller, J.-A., *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2010 / *El lugar y el lazo*. Buenos Aires: Paidós. 2013; entre otros.
- Milner, J.-C., *Lo triple de placer*. Buenos Aires: Del cifrado. 1999.
- Naciones Unidas. Declaración Universal de Derechos Humanos. Adoptada y proclamada por la Asamblea General en Resolución 217 A (III). 10 de diciembre de 1948: art. 12 “Derecho a la intimidad”.
- Najles, A. R., *Delicias de la intimidad*. Buenos Aires: Grama. 2014 / Conferencia en Rosario 2016
- “Enloquecidos y desvergonzaos: niños y jóvenes de hoy” (inédita); entre otros.

- Nancy, J. L., *El intruso*. Buenos Aires: Amorrortu. 2006.
- Riechman, J., *¿Cómo vivir? Acerca de la vida buena*. Madrid: Los Libros de la Catarata. 2011.
- Russo, P., La mancha inconfesable. *Lacanianana* N° 21. Buenos Aires: EOL. 2016 / ¿Qué hacer con la parentalidad? *Uniones del mismo sexo....* Buenos Aires: Grama. 2010 / Familia y modos de gozar. *Enlaces* N° 13. Buenos Aires: Grama. 2008; entre otros.
- Sánchez, B., El goce en los tiempos de la variedad del amor. *El amor en los tiempos del goce*. Buenos Aires: EOL-Grama. 2011 / Del parentesco a la parentalidad. *Uniones del mismo sexo...* Buenos Aires: Grama. 2010 / La familia entre función y ficción, *Virtualia* #15; entre otros.
- Sennet, R., *El declive del hombre público*. Barcelona: Península. 1978.
- Serres, M., *Pulgarcita*. Fondo de Cultura Económica. 2013.
- Sibilia, P., *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2008.
- Starobinsky, J., *Jean Jacques Rousseau La transparencia y el obstáculo*. Taurus. 1992.
- Torres, M., Lo irreductible entre amor, deseo y goce. Conferência no “Seminario Institucional de ACEP” e “Primera Jornada sobre identidades y/o expresiones de género en el ámbito de la salud”. Mendoza outubro 2016 (inérita) /¿Cuál es hoy tu relación visual? ¡Hoy y ahora! ¡Now! *Enlaces* N° 21. Buenos Aires: Grama. 2015 / Inventar al padre. *Enlaces* N° 18. Buenos Aires: Grama. 2012 / La familia y el malentendido particular. Madre sola y nuevas virilidades. *Virtualia* #15; entre otros.
- Wajcman, G., *El ojo absoluto*. Buenos Aires: Manantial. 2011 / Íntimo expuesto, íntimo apropiado. *Enlaces* N° 20. Buenos Aires: Grama. 2014 / Las fronteras de lo íntimo. *El Caldero de la Escuela -Nueva Serie-* N° 19. Buenos Aires: EOL, pp. 10-22 / El psicoanálisis y el derecho al secreto. *Enlaces* N° 17. Buenos Aires: Grama. 2011 / La casa, lo íntimo, el secreto. AA.VV., *Las tres estéticas de Lacan (Psicoanálisis y arte)*. Buenos Aires: Del cifrado. 2006, pp. 92-114; entre otros.
- Medios:** Kukso, F., Apología de la desconexión. 15-1-2017. *La Nación*. Suplemento *Ideas* / Sabalza, S., Lo íntimo en la época del ciberespacio, 6-1-2016, y Miller, J.-A., Enemigos éxtimos, y Más interior que lo más íntimo, 8-4-2010. *Página/12* / Tu ‘extimidad’ contra mi intimidad. Reportagem a Paula Sibilia e autores vários, 24-3-2009. *El país*; entre otros.
- Literatura:** Quignard, P., *La barca silenciosa. Último Reino VI*. Buenos Aires: Cuenco de plata. 2009 / Musil, R., *El hombre sin atributos*. Barcelona: Seix Barral. 1981 / Orwell, G., *1984*, de 1949; entre otros.

**Filmes:** *Shame*, Steve McQueen. UK. 2011 / *A vida dos outros*, Florian Henkel von Donnersmarck, Alemanha. 2006 / *The Truman show*, Peter Weir. USA. 1998 / *La Janela Indiscreta*, Alfred Hitchcock. USA. 1954; entre outros.

**Séries:** *Thirteen reasons why*, Bryan Yorkey. USA. 2017 / *Bloodline*, Todd y Glenn Kessler. USA.  
2015 / *Black Mirror*, Charlie Brooker. UK. 2011; entre outras.